

Tempo, Mito, História e Metáfora: breves considerações de Romila Thapar sobre a natureza do tempo na Índia.

Matheus Landau de Carvalho*

THAPAR, Romila. **Time as a Metaphor of History**. In: *History & Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2004, 53p.

Publicado originalmente pela Oxford University Press em 1996, *Time as a Metaphor of History* é uma obra da historiadora indiana Romila Thapar dedicada a reflexões sobre filosofia da história, principalmente no caso indiano. Ao longo de oito partes, a autora pretende salientar a necessidade de pesquisar as noções de tempo em textos indianos antigos a partir da afirmação de que mito e história não são diferenciados no pensamento da Índia antiga, tese sustentada segundo a dicotomia entre as concepções cíclica e linear de tempo. Thapar procura investigar como as noções de tempo enquanto traços culturais envolvem a visualização em si da forma de tempo, a que ponto o tempo mítico se distingue do tempo histórico, a associação do tempo com escatologias, utopias e configurações morais e sociais conjugadas com o *dharma* e a contagem do tempo, bem como a maneira pela qual as categorias de tempo são condicionadas pelo ritmo da vida social, e, também, se culturas com concepções diferentes de tempo conseguem se comunicar. A historiadora ainda procura demonstrar a possibilidade ignorada em discussões sobre tempo e história na Índia da justaposição das concepções cíclica e linear em algumas culturas, particularmente na indiana através dos *Purānas*.

Para isso, Romila se utiliza de um espectro bibliográfico bastante variado que engloba (i) textos e tradições literárias em sânscrito, como o *Ṛgveda Samhitā*, o *Arthaśāstra*, o *ŚatapathaBrāhmaṇa*, o *Mānava-Dharmaśāstra*, o *Mahābhārata*, além de alguns *Purānas* e algumas *Upaniṣads*; (ii) textos budistas, como alguns *Nikāyas*; (iii) fontes primárias de história antiga, como a *História Natural*, de Plínio, a *Indika*, de Arriano, *As Viagens de Fa-Hien* e *Les Inscriptions d'Asoka*; (iv) livros de historiografia

*Bacharel e Licenciado em História com Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Especialista – 2010 – e Mestre – 2013 – pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), pela mesma Universidade.

britânica sobre a Índia, como *The History of British India*, de James Mill, e *The Wonder That was India*, de A. L. Basham; (v) obras de filosofia indiana da história, como *A Study of Time in Indian Philosophy*, de A. N. Balslev, *A Comparative Study of the Concepts of Time and Space in Indian Thought*, de K. K. Mandal, e *Time and Eternity*, de A. K. Coomaraswamy; (vi) estudos modernos de revisão filosófica e antropológica, como *Cosmos & History: the Myth of the Eternal Return*, de M. Eliade, e *On Being and What There Is*, de W. Halbfass; (vii) e obras de historiografia indiana moderna, como *History of Dharmasāstra*, de P. V. Kane, *From Lineage to State*, de autoria da própria Romila Thapar, além de *Situating Indian History*, em co-autoria com S. Bhattacharya.

Num primeiro momento a historiadora apresenta as principais características do tempo cosmológico, da relação do tempo ritual com os ciclos da natureza, da maneira como a noção de *yuga* sugere uma variedade de polaridades em seus sentidos mais originais, assim como a significância social do calendário luni-solar e do horóscopo e os impactos na astronomia e na matemática indianas a partir do encontro com as culturas grega e babilônica na Antiguidade.

Romila aponta para as origens diversas das características do tempo cosmológico presentes em diferentes fontes da literatura sagrada hindu, assim como em textos budistas e jainistas. Thapar também apresenta processos de semantização do tempo através do *dharma* expressos na proporção recíproca entre a progressão aritmética descendente da dimensão quantitativa do tempo e a decadência da excelência existencial humana como um todo. A historiadora indiana menciona algumas discordâncias no cálculo do tempo cósmico entre astrônomos indianos e textos sagrados hindus, sinalizando para alguns reflexos sociais das diferenças ideológicas entre os *brāhmanas* redatores destes mesmos textos sagrados.

Thapar discute as ideologias que conferem sentido às *yugas* consideradas numa sequência qualitativa de eras, os possíveis impactos das relações sócio-religiosas de certos *varṇas* na construção da ideologia do declínio do *dharma*, as implicações das doutrinas do *karma* e do *samsāra* na noção cíclica de tempo, inclusive apontando para uma relação dialética entre a individualidade do *karma* e a inevitabilidade virtual do ciclo do tempo. Romila também destaca a importância da ligação de um período de tempo particular com mudanças sociais para a construção da relação entre tempo e

história, assim como seus reflexos na concepção de tempo a partir da astronomia, no caso indiano.

Acerca da relação entre mito e história, a historiadora questiona se haveria uma distinção entre diferentes formas de tempo e as considerações sobre eventos passados, se o tempo cosmológico já foi visto como tempo mítico, se este era segregado do tempo cronológico na narração de um passado, e se esta segregação era um mecanismo de separação entre mito e história. Thapar ressalta a relevância das genealogias (*vaṃśas*) nos *Purāṇas* para a compreensão da percepção de passado dos indianos, assim como a maneira pela qual o tempo genealógico nos *Itihāsas* contribuiu para processos de legitimação na sociedade indiana. Por outro lado, Romila discute por que o tempo cosmológico não impede outras formas de contagem de tempo, e como a mudança no tempo da narrativa num *Itihāsa* do passado para o futuro aponta para uma nova categoria de tempo, além da maneira pela qual o tempo dinástico adquire a função de cronologia histórica.

Ao se dedicar mais especificamente sobre o tempo histórico no caso indiano, Thapar analisa a relação das naturezas de duas contagens de tempo – a ‘era’ e o ‘tempo régio’ (‘regnal time’) – com as concepções de tempo cíclica e linear, bem como a maneira pela qual essas contagens foram apropriadas e desenvolvidas por reis e dinastias indianas, como a contagem de tempo cosmológica foi separada da funcional, o modo como os documentos oficiais das cortes começaram a trazer datas consigo mesmos, além das visões sobre o passado articuladas pelas biografias (*caritas*) e crônicas dinásticas e regionais (*vaṃśavalis*).

A historiadora enuncia que elementos da escatologia do tempo linear podem ocorrer mesmo no tempo cíclico, apontando para o surgimento de uma figura salvadora como uma ideia inovadora nas variações na estrutura em si da concepção cíclica. Além de descrever brevemente as cosmologias budista e jainista, Romila aponta para as características milenaristas do Budismo Mahāyāna expressas na figura do Buda Maitreya, e de que maneira a restauração cósmica que ela propõe se distingue da relação estabelecida entre os *avatāras* de Viṣṇu, *odharma* e a concepção cíclica de tempo no Hinduísmo.

Thapar alude à relação entre tempo e necessidade do trabalho presente nas utopias budista, jainista, hindu, judaica e cristã, e aponta para o encontro entre a teoria

cíclica e a concepção de eternidade dos gregos antigos com a teologia cristã medieval, destacando como o tempo cíclico não foi visto como uma negação da história quando os gregos segregaram a cosmologia cíclica da escrita histórica. A autora argumenta que a separação entre mito e história também foi articulada em categorias de tempo, acreditando que houve uma razão no passado para que o uso simultâneo de diferentes categorias de tempo fosse simbólico ao registrar mudanças históricas e prioridades no processo da história. Thapar conclui afirmando que o tempo não exclui o uso de outras categorias além das concepções cosmológica e escatológica de tempo, que podem inclusive coexistir na mesma sociedade, defendendo, além disso, a propriedade de se questionar como determinada sociedade utiliza uma categoria em particular, assim como as pretensões por trás deste uso.

A obra *Time as a Metaphor of History* é uma importante contribuição para as áreas de História Cultural e Ciência(s) da(s) Religião(ões) ao trabalhar as categorias mais elementares dos processos de construção e significação do tempo como concepções paradigmáticas de civilizações pré-clássicas e também clássicas da Antiguidade, assim como ao apontar para uma reciprocidade entre estas concepções e as realidades sociais de suas respectivas civilizações, neste caso específico, a indiana.